



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

O Outro Lado da Guerra:
**Prostituição e Exploração Sexual de
Mulheres Deslocadas em Cabo Delgado**

FICHA TÉCNICA:

Director: Edson Cortez

Autor: Aldemiro Bande

Revisão de Pares (interna): Baltazar Fael, Borges Nhamirre, Edson Cortez

Revisão de Pares (externa): Baltazar Muianga, Conceição Osório, Paulo Granjo

Revisão linguística: Samuel Monjane

Propriedade: Centro de Integridade Pública



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

O Outro Lado da Guerra:
**Prostituição e Exploração Sexual de
Mulheres Deslocadas em Cabo Delgado**

Maputo, Maio de 2023

O Outro Lado da Guerra: Prostituição e Exploração Sexual de Mulheres Deslocadas em Cabo Delgado

“Saio com dois a três homens por noite”

Um número considerável de mulheres e raparigas, que abandonou as suas zonas de origem devido aos ataques de insurgentes na província de Cabo Delgado, está a recorrer a venda de sexo como forma de sobrevivência. Além disso, outras são aliciadas a manter relações sexuais em troca de alimentos e de outros meios de subsistência, um fenómeno que, apesar de denúncias da sociedade civil e de organizações internacionais, ainda persiste em vários centros de acomodação de deslocados. A exclusão de deslocados ao acesso à assistência alimentar, as dificuldades de integração económica nas zonas de acolhimento, aliada à escassez de meios para satisfazer as suas necessidades mais básicas, empurra as mulheres deslocadas para um submundo repleto de riscos: o do sexo pela sobrevivência. Este artigo mostra os contornos de uma das faces menos conhecidas da guerra de Cabo Delgado: a prostituição e a exploração sexual de mulheres e raparigas deslocadas.

Introdução

O elevado número de mortes, a paralisação de projectos de exploração de gás natural, a destruição de infraestruturas e o deslocamento massivo de civis têm sido apontados como algumas das principais consequências da guerra de Cabo Delgado¹. Durante o informe sobre o Estado Geral da Nação, em 2021, o Presidente da República, Filipe Nyusi, citou a “redução da capacidade produtiva, o aumento do desemprego e o retrocesso nos níveis de bem-estar social” como alguns impactos da guerra nos últimos anos². Entretanto, há um dado que permanece fora dos discursos e das estatísticas oficiais: a prostituição e a exploração sexual de mulheres e raparigas deslocadas em Cabo Delgado. Uma investigação do Centro de Integridade Pública (CIP), na província, revela como as falhas na assistência humanitária, aliadas à necessidade de sobrevivência nas zonas de acolhimento, empurram mulheres e raparigas deslocadas para um submundo rodeado de riscos.

O conflito armado em Cabo Delgado já causou perto de 1 milhão de deslocados, dos quais mais de 50% são mulheres e raparigas³. O Governo tem a responsabilidade primária de assistir aos deslocados, sobretudo os mais vulneráveis⁴, no entanto, desde o início dos deslocamentos tem havido falhas em criar condições específicas para responder às necessidades socioeconómicas deste segmento⁵.

A Política de Gestão e Protecção dos Deslocados Internos, aprovada pelo Governo em 2021, prevê, de entre outros aspectos, a implementação de programas de “geração de renda e fontes de subsistência” para os deslocados, com enfoque para os mais vulneráveis. No entanto, o instrumento não produziu, ainda, os efeitos esperados. Pelo contrário, a realidade no terreno mostra que, de um modo geral, as mulheres e raparigas deslocadas não conseguiram integração económica nas zonas de acolhimento, continuando em situação de dependência e extrema vulnerabilidade. O recurso à prostituição como meio de sobrevivência e a exposição à exploração sexual são a face mais visível desta vulnerabilidade.

1 **O País** (2021) “Não escolhemos a guerra de Cabo Delgado, ela foi-nos imposta”, diz PR. Disponível em: <https://opais.co.mz/nyusi-convo-ca-conselho-de-defesa-e-seguranca-para-discutir-terrorismo/>. Consultado a 09.11.2022

2 **Presidência da República** (2021) Informação Anual Do Chefe Do Estado À Assembleia Da República Sobre A Situação Geral Da Nação. Disponível em: file:///C:/Users/Admin/Downloads/Informe+Anua+PR++Situac%C3%A3o+Geral+da+Na%C3%A7%C3%A3o+2021+VF.pdf. Consultado a: 31.Out.2022

3 **IOM** (2022) Northern Mozambique Crisis — DTM Baseline Assessment Abridged Report Round 16 (June 2022). Disponível em: <https://dtm.iom.int/reports/northern-mozambique-crisis-%E2%80%94-dtm-baseline-assessment-abridged-report-round-16-june-2022>. Consultado a

4 **Brookings Institute** (2010) The Human Rights of Internally Displaced Persons. Disponível em: <https://www.brookings.edu/on-the-record/the-human-rights-of-internally-displaced-persons-2/>. Consultado a 01.Nov.2022

5 **CIP** (2021) *Gestão dos deslocados de Guerra de Cabo Delgado: Governo falhou no apoio às vítimas do conflito*. Disponível em: <https://www.cipmoz.org/wp-content/uploads/2021/04/Gesta%CC%83o-dos-deslocados-de-guerra-de-Cabo-Delgado-Governo-falhou-no-apoio-a%C3%A3o-vi%C3%A7as-do-conflito.pdf>. Consultado a: 31.Otu.2022

Metodologia

A presente pesquisa documenta, com evidências, casos de prostituição, exploração e abuso sexual de mulheres e raparigas deslocadas internas na província de Cabo Delgado. Para a realização da pesquisa, recorreu-se, essencialmente, à pesquisa de campo e a observação participante complementada com pesquisa documental e auxiliada por técnicas de pesquisa bibliográfica e entrevistas a informantes-chave.

A pesquisa de campo foi realizada em Outubro de 2022 e durou duas semanas. Abrangeu os distritos de Pemba, Metuge, Montepuez e Chiúre onde estão aproximadamente 50% dos deslocados internos da província. Para a colecta de dados foram entrevistadas, pelo menos, 20 mulheres e raparigas deslocadas internas seleccionadas com base na técnica de amostragem não probabilística “bola de neve”. O recurso a esta técnica justificou-se pelo difícil acesso aos sujeitos com as características necessárias para o estudo¹. Com efeito, as mulheres e as raparigas deslocadas entrevistadas para efeitos desta pesquisa foram identificadas a partir da sua rede de contactos (familiares, amigos, colegas, conhecidos, etc). Umias foram conduzindo a outras.

As entrevistas foram realizadas em dois contextos. No primeiro, pesquisadores do CIP, disfarçados de clientes interessados em satisfazer seus desejos sexuais, conversaram com mulheres e raparigas deslocadas no circuito da venda de sexo. No segundo momento, mulheres e raparigas deslocadas foram entrevistadas fora da cena de prostituição. Adicionalmente, realizaram-se visitas aos centros de acomodação de deslocados onde foram entrevistadas mulheres e raparigas deslocadas vítimas de exploração e abuso sexual. Como complemento, foram realizadas entrevistas com informantes-chave: enfermeiros, autoridades locais, chefes dos centros de reassentamento, entre outros.

Por razões éticas, os nomes das mulheres e das raparigas envolvidas na prostituição, assim como as vítimas de exploração e abuso sexual, foram ocultados ao longo do texto. A pesquisa inclui ainda um documentário disponível aqui ([link](#)). Neste, tomou-se o cuidado de não expor os rostos das pessoas envolvidas.

Uma das limitações do estudo tem que ver com a restrição do acesso a alguns distritos que acolheram deslocados, como é o caso de Ancuabe, e a alguns centros de reassentamento nos distritos de Chiúre e Montepuez, devido aos ataques protagonizados por insurgentes nos finais do mês de Outubro, naquela região.

I. A prostituição de mulheres deslocadas em Cabo Delgado: onde acontece, como e porquê?

Desde o início da guerra em Cabo Delgado, as mulheres têm sido particularmente sujeitas a prostituição e à exploração sexual. Várias raparigas e mulheres raptadas por insurgentes durante as suas incursões no norte da província foram usadas como escravas sexuais e outras foram “vendidas” como prostitutas no mercado global de tráfico de seres humanos².

No entanto, a fuga massiva de mulheres das áreas alvo de ataques para zonas relativamente seguras, especialmente a sul da província de Cabo Delgado, não significou o fim desta tendência. Pelo contrário, a escassez de meios de subsistência, aliada a dificuldades de integração económica nas zonas de acolhimento, forçou mulheres e raparigas deslocadas a recorrer à venda de sexo como forma de sobrevivência.

A venda de sexo por mulheres deslocadas ocorre maioritariamente nos centros urbanos e/ou vilas-sede dos distritos de acolhimento, áreas onde a actividade é relativamente mais rentável.

Nos centros urbanos o fenómeno envolve mulheres e raparigas deslocadas que residem em casas arrendadas e/ou emprestadas. Mas também há casos de mulheres deslocadas que regularmente abandonam os centros de acomodação para se prostituírem nos centros urbanos mais próximos.

A necessidade de ganhar dinheiro rápido para satisfazer as necessidades mais imediatas do seu agregado familiar, atrai as mulheres e raparigas deslocadas para os centros urbanos, onde se envolvem sexualmente em troca de valores monetários que variam, geralmente, de 20 a 500 meticais.

1 NADERIFAR, M. et al (2017) *Snowball Sampling: A Purposeful Method of Sampling in Qualitative Research*. Disponível em: file:///C:/Users/Admin/Downloads/Snowball_Sampling_A_Purposeful_Method_of.pdf. Consultado a.10.Nov.2022

2 Feijó, J. (2021) *Caracterização e Organização Social dos Machababos a partir dos Discursos de Mulheres Raptadas*. Disponível em: <https://clubofmozambique.com/wp-content/uploads/2021/04/OR-109-Caracteriza%C3%A7%C3%A3o-e-organiza%C3%A7%C3%A3o-social-dos-Machababos.pdf>. Consultado a

20 meticais por uma “matharinha”¹

O fenómeno da venda de sexo estende-se até aos centros de acomodação de deslocados, geralmente localizados fora dos centros urbanos. Em troca de valores monetários, que vão de 20 a 100 meticais, mulheres e raparigas deslocadas envolvem-se sexualmente com homens provenientes dos bairros ao redor e com outros deslocados.

Diferentemente dos centros urbanos e vilas, onde o mercado da venda do sexo está há muito estabelecido e as trabalhadoras de sexo podem estipular um preço por cliente, nos centros de acomodação/reassentamento os valores oscilam muito em função da capacidade financeira e da boa vontade do cliente. Ou seja, a aflição e a vulnerabilidade em que as mulheres se encontram faz com que estas não tenham sequer poder de negociação e se sujeitem a prostituir-se a qualquer preço.

Tanto nos centros de acomodação como em algumas vilas, chega-se a pagar 20 meticais para ter relações sexuais com uma mulher ou rapariga deslocada. Geralmente o valor arrecadado com a prostituição é usado para satisfazer as suas necessidades mais imediatas, como a compra de alimentos e produtos de higiene pessoal.

Raparigas são as mais solicitadas

O perfil das mulheres deslocadas que, para sobreviver, passaram a prostituir-se vai desde jovens adultas, na sua maioria viúvas cujos maridos morreram durante os ataques, ou mães separadas, dos 20 aos 40 anos, a jovens raparigas dos 15 aos 19 anos, que por conta do conflito foram forçadas a assumir, muito cedo, responsabilidades sobre si e sobre os seus parentes menores.

As raparigas são geralmente as mais solicitadas, tanto nos centros de acomodação como nas zonas mais urbanas. O factor idade atrai jovens e adultos que vêm nelas uma fonte de prazer sexual. Geralmente são designadas “*matharinhas*” (catorzinhas).

Tabela 1. Perfil sócio-demográfico das mulheres e raparigas deslocadas no circuito de venda de sexo

Idade	Distrito de origem	Zona de acolhimento	Residência	Fonte/Rend. antes deslocamento	Fonte/Rend. actual	Estado civil antes deslocamento	Estado civil após deslocamento
18-35	Macomia, Mocimboa da Praia, Muidumbe	Cidade de Pemba, Metuge, Vila de Chiúre	Centros de reassentamento; Casas alugadas; Casas emprestadas (centros urbanos);	Comércio informal; dependente;	Venda de sexo; trabalhos domésticos sazonais;	Casadas; solteiras (menores de 18 anos);	Separadas: viúvas; solteiras (menores de 20 anos);

Um aspecto comum entre as mulheres deslocadas a residir em casas alugadas/emprestadas, e que recorrem a venda de sexo para sobreviver, é que a maioria não recebe assistência alimentar de forma regular e outras alegam ter sido expulsas dos centros de acomodação por razões não muito claras. Por exemplo, uma jovem deslocada disse ter sido expulsa de um centro de acomodação alegadamente porque já estava há bastante tempo e devia ceder espaço para outras famílias recém-chegadas. Algumas autoridades, contactadas pelo CIP, afirmaram não terem tomado conhecimento de casos similares visto que estes nunca foram reportados.

Em 2022, o Programa Mundial de Alimentação (PMA), uma das principais organizações que presta assistência alimentar aos deslocados na província de Cabo Delgado, reduziu as quantidades dos *kits* de bens alimentares disponibilizados devido a falta de fundos². Em entrevista à imprensa, fonte do PMA explicou que “o PAM foi obrigado a cortar pela metade a cesta alimentar entregue, o que significa que [os beneficiários] recebem comida para suprir menos de 40% das suas necessidades calóricas”. Esta situação contribuiu para que, em alguns momentos, algumas famílias de deslocados, que dependem exclusivamente do apoio alimentar fornecido pela organização para sua subsistência, não recebessem os *kits* de assistência alimentar de forma regular.

Outro dado comum entre estas mulheres é que a maioria tem a venda de sexo como única fonte de renda, ou seja, a única alternativa à assistência alimentar, que é escassa. Embora a maioria desenvolvesse antes alguma actividade de subsistência na sua zona de origem, com os ataques dos insurgentes muitas deixaram tudo para trás, incluindo a sua fonte de renda, para se refugiarem em zonas seguras. No entanto, poucas conseguiram retomar as suas actividades nas zonas de acolhimento e vêm a venda de sexo como a alternativa mais imediata para a sua sobrevivência. Relatos de mulheres deslocadas que, nas suas zonas de origem, se dedicavam a pequenos negócios mas que depois foram forçadas a prostituir-se, repetem-se com frequência.

¹ Adolescente.

² **Folha de Maputo** (2022) PAM alerta para rutura no fornecimento de ajuda em Cabo Delgado. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/pam-alerta-para-rutura-no-fornecimento-de-ajuda-em-cabo-delgado/>. Consultado a 31.Jan.2023

A clientela é diversificada

O perfil dos clientes depende da área onde as mulheres deslocadas se prostituem. Nos centros urbanos, a clientela é muito mais diversificada. Vai desde jovens a adultos capazes de pagar acima de 100 meticais para satisfação dos seus desejos lascivos. Por exemplo, na cidade de Pemba e na vila de Chiúre, algumas jovens deslocadas chegam a facturar entre 200 a 500 meticais por cliente. Mas há algumas excepções.

Nos centros de acomodação, geralmente afastados dos centros urbanos, o cenário é diferente. Os principais clientes são indivíduos de baixa renda, maioritariamente provenientes dos bairros circunvizinhos, na sua maioria pequenos comerciantes e camponeses que, dada a sua condição, não têm disponibilidade para pagar somas avultadas por uma “aventura” sexual.

Caixa 1. Nangua 2: um centro onde a prostituição prospera

Paulina¹, 32 anos, fugiu do distrito de Muidumbe em 2020 com os seus dois filhos após uma incursão de insurgentes na sua aldeia. Foi acolhida no centro de acomodação Nangua 2, também conhecido por centro Pachinuapa, no distrito de Metuge, onde também estão acomodados cerca de 2500 deslocados.

Solteira e com dois filhos por cuidar, a jovem deslocada tenta recomeçar a vida num centro onde comer é um luxo.

Paulina recebe apoio alimentar do Programa Mundial para Alimentação (PMA). Mas, este nem sempre chega para a dieta da família. Os filhos da deslocada, com 10 e 15 anos, ajudam a mãe com o que podem. “Vão caçar ratos para comermos”, revelou a jovem deslocada.

Enquanto os filhos caçam ratos, Paulina procura homens para sobreviver. “Vou a rua fazer sexo, para conseguir dinheiro para comprar comida”, diz. A jovem deslocada prostitui-se tanto no centro e nos bairros circunvizinhos como na cidade de Pemba, o maior centro urbano da província. Chega a facturar entre 50 a 100 meticais por cliente.

O drama da violência sexual

Paulina já passou por várias vicissitudes enquanto deslocada no interior do centro de acomodação. O abuso sexual é uma de tantas.

Durante a entrevista com pesquisadores do CIP, a deslocada revelou que numa das noites, um homem aproximou-se da sua palhota e solicitou-a para uma relação sexual. Como Paulina se recusava a sair, o homem entrou, sem o seu consentimento, no pequeno quarto onde a jovem deslocada dormia com seu filho.

“Apalpou-me o corpo e gritou em frente do meu filho que queria [fazer] sexo comigo”, conta a deslocada, visivelmente agastada. “Eu neguei”, acrescentou.

A deslocada não denunciou o caso às autoridades, algo que é muito comum no centro. O centro não dispõe de canais/meios apropriados para denúncias de abuso sexual, como linhas-verdes, entre outros, nem qualquer serviço de apoio psicossocial a vítimas de violência sexual.

Essencialmente, alguns casos de violência sexual são reportados directamente aos responsáveis dos centros, o que se torna problemático, em alguns casos, porque alguns destes estão alegadamente envolvidos em casos de assédio e abuso sexual de mulheres e raparigas deslocadas (Vide Caixa 2).

A saga “sexo por sabão”

Como Paulina, outras mulheres e raparigas deslocadas são obrigadas a envolver-se sexualmente, no centro de acomodação, em troca de valores monetários para compra de meios de subsistência.

Entretanto, os responsáveis do centro alegam não ter conhecimento de muitos destes casos. Entrevistado pelos pesquisadores do CIP, o responsável geral do centro confirmou ter sido reportado um caso de prostituição envolvendo uma rapariga deslocada de 16 anos.

“Ela envolvia-se com vários homens para conseguir comprar sabão”, afirmou o chefe, explicando que este foi o único caso que lhe foi reportado e que este só veio à tona quando a rapariga deslocada, contra a vontade dos pais, pretendia passar a morar com um dos seus clientes.

¹ Nome fictício. Todos os nomes de mulheres e raparigas deslocadas no circuito da prostituição assim como vítimas de exploração e abuso sexual apresentados neste texto são fictícios. Igualmente, os nomes das pessoas acusadas de exploração e abuso sexual foram ocultados.

Entretanto, a prostituição de mulheres e raparigas deslocadas no interior do centro de acomodação foi também confirmada por jovens residentes nos bairros a redor.

“Muitos jovens vêm aqui a procura de *matharinhas*”, conta um jovem de 24 anos que se desloca frequentemente ao centro para se divertir e vender capulanas.

Casos de HIV e ITS's disparam

Casos de prostituição de mulheres deslocadas nos centros de acomodação foram também confirmados pelas autoridades de saúde do distrito.

Pesquisadores do CIP deslocaram-se ao Hospital Distrital de Metuge, um dos distritos com maior número de deslocados a nível da província, para ouvir a opinião dos profissionais de saúde sobre a incidência de doenças de transmissão sexual em mulheres deslocadas e as principais razões. De acordo com Zaida Timóteo, a enfermeira do hospital, a falta de meios de subsistência é das principais razões que empurram mulheres e raparigas deslocadas para a prostituição.

“Muitas alegam que se envolvem sexualmente com alguns homens para conseguir dinheiro para comprar alimentos e satisfazer algumas necessidades”, revela a enfermeira.

Em entrevista com pesquisadores do CIP, enfermeiros daquela unidade sanitária, mostraram-se preocupados com a alta de casos de infecções de transmissão sexual (ITS's) e HIV no seio de mulheres e raparigas deslocadas, sobretudo jovens e adolescentes.

O hospital atende, em média, 100 mulheres deslocadas por mês. Até 2020 a unidade sanitária diagnosticava por mês 3 casos de HIV em mulheres deslocadas. Em 2022 o número passou a 7 casos por mês, uma subida acima de 50%. Além disso, o hospital tem registado muitos casos de ITS's em mulheres deslocadas, sobretudo jovens e adolescentes, reportou a enfermeira Zaida.

Sexo de Sobrevivência: O drama de mulheres deslocadas no sub-mundo da prostituição

A maioria das mulheres e raparigas deslocadas foram forçadas a entrar para “o circuito da venda de sexo”, para satisfazer as suas necessidades básicas, alimentos, produtos de higiene pessoal, entre outros. Esta é uma forma de prostituição peculiar, designada “sexo de sobrevivência” e ocorre principalmente em contextos de privação extrema, insegurança alimentar¹, crise humanitária², falta de habitação³, nos quais a escassez de meios de subsistência e a falta de alternativas para a satisfação de necessidades básicas são bastante notáveis.

As histórias apresentadas nesta secção ilustram como a “venda de sexo” se tornou, para muitas mulheres e raparigas deslocadas, a única alternativa de sobrevivência.

1. “Faço sexo para comprar comida”: o drama de uma rapariga deslocada, forçada a prostituir-se

Com apenas 16 anos, Sara⁴, natural de Macomia, viveu na pele o drama da insurgência que desde Outubro de 2017 semeia terror e luto um pouco por toda a província de Cabo Delgado. Após uma incursão dos insurgentes à vila de Macomia, em 2020, a jovem rapariga separou-se dos seus pais e deles nunca mais teve notícias. De Macomia fugiu para a vila de Chiúre com dois irmãos de 10 e 14 anos, transportados numa camioneta.

1 NAICKER, L. (2021) *Food, Sex and Text: Exploring Survival Sex in the Context of Food Insecurity through Communal Readings of the Book of Ruth*. Disponível em: https://etd.uwc.ac.za/xmlui/bitstream/handle/11394/8818/naicker_phd_art_2021.pdf?sequence=1. Consultado a 21.Nov.2022

2 UNHCR (2022) Action against Sexual and Gender-Based Violence: An Updated Strategy. Disponível em: <https://www.unhcr.org/protection/women/4e1d5aba9/unhcr-action-against-sexual-gender-based-violence-updated-strategy.html>. Consultado a 21.Nov.2022

3 WATSOM, J. (2011) Understanding Survival Sex: Young Women, Homelessness, and Intimate Relationships. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232920720_Understanding_survival_sex_Young_women_homelessness_and_intimate_relationships?_sg=uPMnNO-GODxGm5EHRaGje93UfaibqmQ7afLbTHMDxMD79TpDBq65z8NLMFyR99bbUzo-L7LAeKqbFLngQ. Consultado a 21.Nov.2022

4 Nome fictício

A separação dos pais e a incerteza sobre o seu futuro e dos seus irmãos foi só o começo de um drama cujo fim é ainda incerto.

Na pequena vila de Chiúre a rapariga deslocada e os seus irmãos passaram dias sem ter o que comer nem onde abrigar-se. “Andávamos de um lado para outro sem ter para onde ir”, conta. Quando já não lhes sobrava memória de dias bons, Sara e os seus irmãos foram acolhidos por uma idosa que lhes cedeu uma casa para se abrigarem. “Nos disseram que havia uma senhora com duas casas e nós fomos lá pedir emprestado uma”, disse.

Encontrar um lugar onde morar não foi o fim do calvário. Com 17 anos Sara foi forçada a prostituir-se para pôr pão na mesa e os irmãos na escola. “Faço isso para comprar comida”, conta a jovem deslocada.

Com a responsabilidade de alimentar e cuidar dos seus irmãos mais novos, veio a necessidade de ganhar dinheiro rápido para satisfazer as necessidades mais imediatas do agregado familiar. Hoje, aos 18 anos, Sara é chefe de família e uma das prostitutas mais solicitadas em Chiúre.

Sara conta que regularmente se faz à rua por volta das 19h. Os seus clientes são homens na faixa etária dos 20 a 30 anos. Recebe em troca de sexo valores que variam de 100 a 300 meticais.

“Saio com dois a três homens por noite” - Sara

Trajada de uma blusa amarela com pintas em tom verde, azul e laranja e uma saia preta, a jovem rapariga entra no bar do “Xavier”, uma das principais atracções nocturnas na pequena vila de Chiúre.

Com cerca de 1,70 metros de altura e um corpo franzino, a deslocada chama atenção dos homens que ali se divertem. Sorri e caminha, enquanto aguça os apetites da plateia masculina posicionada defronte a uma mesa de bilhar. Eram 19h do dia 20 de Outubro. Para além de Sara, mais outras 5 mulheres deslocadas, com idades entre 28 a 35 anos, estavam no “Xavier”. O objectivo era o mesmo: envolver-se sexualmente com homens em troca de dinheiro.

Nesta noite, Sara encontrou-se com os pesquisadores do CIP que estavam no local disfarçados de clientes. Na companhia destes, a jovem deslocada foi dali a uma pensão que dista a cerca de 200 metros.

Cabisbaixa e sentada no canto direito de uma cama minúscula, num quarto de cor amarela, a rapariga deslocada coloca as mãos sobre as pernas, contorce os dedos e abraça o silêncio. Visivelmente tímida responde em voz baixa quando questionada sobre os motivos que lhe levaram a prostituir-se.

“Preciso de dinheiro para comprar comida, sabão...”, afirmou. “Outras pessoas trabalham, mas eu não”, justificou.

Desde que chegou à vila de Chiúre, Sara recebe a cada dois meses um *kit* de assistência alimentar composto por arroz (25kg), feijão (10kg) e óleo (5l). Este é o único apoio que a rapariga e os seus irmãos recebem, mas este nem sempre é regular. Por exemplo, aquando da entrevista fazia três meses que Sara e os seus irmãos não recebiam apoio algum.

Além disso, o apoio alimentar nem sempre é suficiente para as demais necessidades da família, o que obriga a rapariga deslocada a fazer um esforço “para comprar comida” adicional.

Entre estas e outras limitações, a jovem rapariga viu-se obrigada a procurar alternativas. Prostituir-se não foi a única. A rapariga presta, durante o dia, serviços domésticos em algumas residências a troco de comida ou valores monetários. Mas como nem sempre consegue trabalhos, durante a noite, sai à rua para prostituir-se.

“Saio com dois a três homens”, afirmou. “Consigo 200, 300 até 400 meticais”, acrescentou.

Apesar de Sara conseguir algum dinheiro para comprar comida para a família, a venda de sexo tem-lhe sido, em contrapartida, um caminho espinhoso. A jovem deslocada revelou que regularmente desata em lágrimas diante dos seus clientes.

“Se meus pais estivessem aqui não faria” - Sara

Por volta das 10h do dia 21 de Outubro, a equipa de pesquisadores dirigiu-se a casa onde Sara e os seus irmãos estão acomodados. Sentada na varanda de uma casa de bambu e argila, com cobertura de capim, e trajada de uma blusa branca e uma capulana azul com floreios de rosa, a jovem deslocada fala do drama por que passa.

“Às vezes dormimos a fome”, conta.



Legenda: Sara e os seus dois irmãos mais novos defronte a casa que lhes foi cedida por uma anciã na vila de Chiúre.

Com o dinheiro que ganha da prostituição, Sara compra comida e, às vezes, algum material escolar para que seus irmãos continuem estudando. Vê-los a seguir com os estudos diante das dificuldades por que passam é motivo de alegria para a rapariga. Por conta da guerra, Sara teve de hipotecar o seu futuro e dignidade para dar um presente um pouco digno aos irmãos.

“Saio de noite, me envolvo sexualmente com homens e consigo dinheiro para comprar caderno, caneta para meus irmãos”, descreve a jovem deslocada. Sara não esconde aos irmãos de onde vem a comida que lhes alimenta. “Eles sabem de tudo”, desabafa.

A deslocada não teve ainda notícias dos pais, mas tem certeza de que se eles estivessem por perto ela não trilharia o caminho espinhoso da prostituição. “Se eles estivessem aqui não saía”, diz. “Podia continuar a estudar, vender bolinhos...”, acrescenta.

Um sonho adiado: “quero ser enfermeira” - Sara

Sara fugiu de Macomia quando frequentava a 8ª classe. Como a maioria das raparigas da sua idade, a deslocada tinha sonhos: “quero ser enfermeira”, afirma.

Embora prevaleça o sonho, Sara debate-se com muitas outras prioridades enquanto chefe de família. A escola não é uma delas. A deslocada teve de abandonar a escola para cuidar dos seus irmãos menores. Hoje o seu maior sonho é conseguir ter, ao menos, uma refeição por dia.

2. “Não produzi nada”- (Abiba): o drama de uma mãe que tentou e não deu certo

Como Sara, Abiba¹, 38 anos, é deslocada do distrito de Macomia. Viúva e mãe de 4 filhos, Abiba fugiu da sua terra natal para o distrito de Chiúre em 2020, após incursões de insurgentes. Durante os ataques Abiba perdeu o marido, de quem dependia o sustento da família.

Em Chiúre, Abiba e os seus filhos foram acolhidos no centro de Maningane, na vila de Chiúre. No entanto, depois de um ano, a família foi retirada do centro sem justificação plausível. “Disseram que já tínhamos ficado por muito tempo e, por isso, deveríamos arranjar um espaço para fazer machamba”, conta.

Sem ter onde morar, a deslocada e os seus filhos passaram dias difíceis até encontrarem abrigo num dos bairros da vila. No entanto, pouco tempo depois a deslocada perdeu também o direito à assistência alimentar. “Fomos a sede para receber comida mas informaram-nos que não tínhamos nome na lista”, revela.

Fora do centro de acomodação e sem direito a apoio alimentar, Abiba teve que desenrascar para alimentar a si e aos seus dois filhos. No princípio Abiba tentou cultivar produtos alimentares numa machamba que lhe foi cedida por pessoas de boa vontade. Entretanto, não teve sucesso.

“Não produzi nada, nem uma mandioca sequer”, afirma.

Na sua zona de origem, Abiba fazia pequenos negócios e ajudava no sustento da família.

O insucesso na machamba não a fez desistir, pelo contrário. A deslocada procurou trabalho como empregada doméstica na vila de Chiúre, mas também não conseguiu. Sem alternativas e com a responsabilidade de alimentar os seus filhos, a deslocada foi forçada a prostituir-se para sobreviver. Hoje, Abiba prostitui-se a qualquer preço para, pelo menos, conseguir dar de comer aos filhos.

“Faço isso por sofrimento, não porque quero”, afirma.

Sexo por 1 kg de farinha

No centro de reassentamento de Maningane, Abiba e os seus filhos recebiam apoio alimentar, mas não de forma regular. A deslocada contou aos pesquisadores do CIP que durante o ano em que esteve acomodada no centro recebeu apoio alimentar apenas duas vezes.

Fora do centro e sem apoio alimentar, Abiba vê na prostituição a única forma de conseguir comida para os seus filhos. “Faço isso para conseguir pelo menos 1kg de farinha, uma barra de sabão para os meus filhos”, diz.

Durante a conversa com pesquisadores do CIP, a deslocada desatou a chorar quando questionada sobre como sustenta os seus filhos. “Não têm pai, não têm amor...”, lamentou.

Abiba chega a prostituir-se por 20 meticais. “Pode ser 20, 50 ou 100 meticais. O que eu quero é conseguir dinheiro para comprar comida”, comenta. No entanto, em alguns casos a deslocada nem sequer é paga pelos clientes com quem se envolve sexualmente. “Às vezes me usam e não dão nada”, queixa-se.

Noites e refeições no Hospital

Abiba mora um pouco distante da vila sede de Chiúre. Após a sua jornada de prostituição na vila, a deslocada dirige-se ao hospital local para passar a noite. Além disso, no hospital a deslocada consegue, às vezes, refeições para si e para os seus filhos, graças à boa vontade de alguém conhecido.

“Não posso chegar a casa sem comida para os meus filhos”, afirma.

¹ Nome fictício

3. “Não tenho saída”- (Aziza): como a guerra empurrou uma mãe solteira para a prostituição

Mesmo o recurso a prostituição não foi suficiente para Aziza¹, 27 anos, assumir sozinha a responsabilidade de cuidar dos seus quatro filhos. Hoje a deslocada, proveniente do distrito de Macomia, pensa apenas numa saída: abandonar os filhos.

“Uma senhora de Pemba disse-me que precisa de crianças. Vou entregar alguns dos meus filhos”, disse em entrevista com pesquisadores do CIP. “Não tenho saída”, lamentou.

Em 2020 Aziza fugiu de Macomia, grávida e com 3 filhos, após ataques de insurgentes ao distrito. Durante as incursões, a jovem perdeu o marido e pai dos seus filhos, de quem dependia o sustento da família. Viúva e com 3 crianças por cuidar, Aziza foi acolhida pela sua cunhada num centro de acomodação no distrito de Chiúre. Entretanto, a sua estadia no centro foi sol de pouca dura.

Dependente da cunhada, sem direito a apoio alimentar, e com 4 filhos sob seu cuidado, a deslocada viu na prostituição uma forma de sobrevivência.

A necessidade de ganhar dinheiro para satisfazer as necessidades do seu agregado familiar fez com que durante a noite, Aziza abandonasse o centro para prostituir-se nas zonas circunvizinhas. No entanto, as suas incursões nocturnas não agradaram a cunhada que acabou reportando o caso aos responsáveis do centro.

“Era proibido sair de noite, mas eu não resisti”, conta a deslocada. Aziza foi expulsa do centro de acomodação por alegado comportamento desviante.

Assim no centro como na vila: o drama de Aziza na praça da prostituição

Fora do centro, Aziza viu as suas dificuldades multiplicaram-se. A deslocada mudou-se para a vila de Chiúre e passou a viver numa casa cedida por pessoas de boa vontade. Sem o apoio da cunhada, Aziza teve de “desenrascar-se” para alimentar a si e aos seus quatro filhos. Na vila de Chiúre, a jovem deslocada passou a frequentar a maior praça de prostituição: o cruzamento do Kopuata.

“Vou ao cruzamento, me envolvo com homens para conseguir dinheiro para comprar comida para os meus filhos”, afirma.

O cruzamento do Kopuata é uma terminal de transporte rodoviário. Diariamente camiões e transportes semi-colectivos de passageiros fazem, neste local, o desembarque e a recolha de passageiros. O local é bastante frequentado por camionistas e transportadores semi-colectivos que fazem o trajecto Nampula - Cabo Delgado e vice-versa. O elevado fluxo de pessoas provenientes de diferentes pontos faz com que Kopuata seja um autêntico centro da prostituição.

Maria é apenas uma de tantas outras mulheres deslocadas que se dirige ao local para se prostituir. A jovem deslocada conta que chega a facturar entre 200 a 400 meticais por noite.

4. “Não somos daqui” (Zuleica): o encontro com duas deslocadas nas “pistas” de Pemba

A prostituição de mulheres e raparigas deslocadas acontece também na cidade de Pemba, o maior centro urbano da província de Cabo Delgado. Mulheres deslocadas a residir na cidade como em outros pontos da província, encontram na urbe um campo fértil para a prostituição.

Pesquisadores do CIP, disfarçados de clientes, visitaram as principais praças de prostituição na cidade e identificaram, através de intermediários, jovens deslocadas que recorrem à venda de sexo como fonte de subsistência. Ana, 19 anos, e Zuleica², 35 anos, provenientes dos distritos de Macomia e Mocimboa da Praia, respectivamente, fazem parte da lista.

Segundo contaram, ambas fugiram da sua terra natal para a cidade de Pemba, em 2020, devido à insegurança gerada pelos ataques de insurgentes. Embora possuam histórias diferentes, as duas jovens deslocadas têm em comum a necessidade de prostituir-se para sobreviver.

Os pesquisadores do CIP deslocaram-se até uma famosa praça de prostituição onde as duas jovens operam e conversaram com elas.

1 Nome fictício.

2 Nome fictício.

Zuleca trazia um vestido peto, apertado e curto . Ana, um pouco mais magra, trazia uma saia *jeans* curta e uma blusa de listras azuis. Convidadas a retirar-se para um lugar um pouco mais afastado, recusaram-se alegando não conhecer muito bem a cidade.

“Não somos daqui, não podemos ir para muito longe”, reagiu Zuleca.

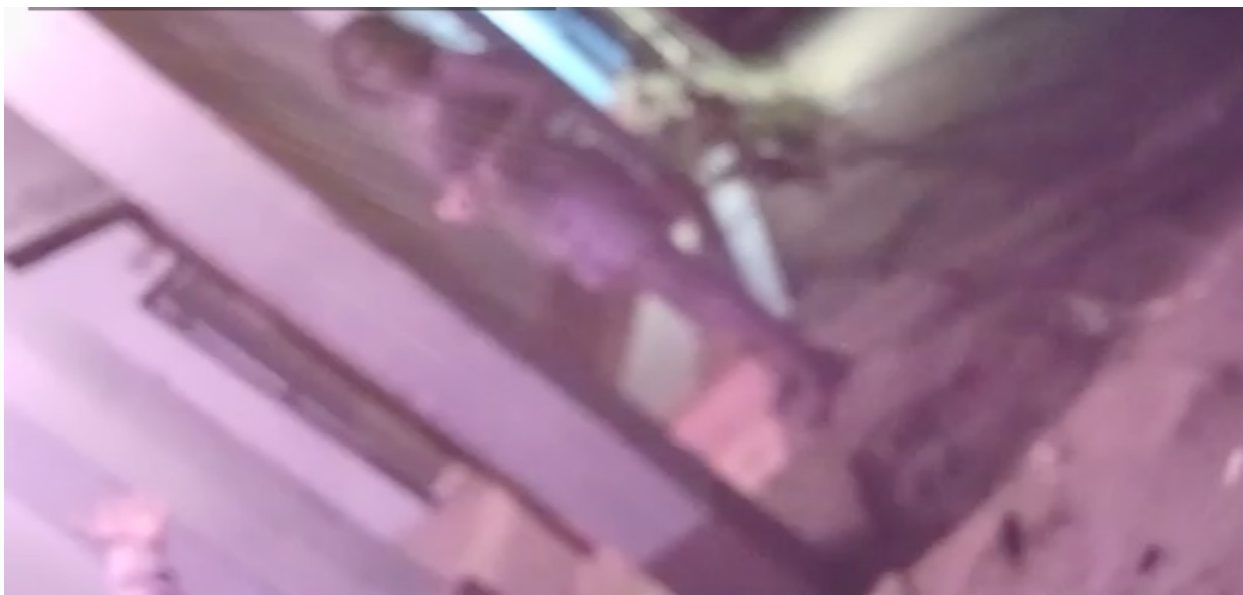
Durante a noite, as duas jovens deslocadas não se separam. A mais velha, separada e mãe de dois filhos, é uma espécie de líder do grupo. É ela quem negocia os preços e o local com os potenciais clientes. Os valores variam de 200 a 500 meticais.

Ana, a mais nova, raramente se expressa na língua portuguesa. Geralmente segue as orientações da mais velha, que determina com quem sair, quando e para onde.

Outros negócios além do sexo

Com o dinheiro adquirido com a venda de sexo Zuleica e Ana iniciaram pequenos negócios.

Enquanto aguardam pelos clientes na praça, a dupla vende cigarros e recargas de telemóveis.



Legenda: Ana de pé numa praça de prostituição em Pemba – imagem feita através de câmara oculta.

Caixa 2. Sobre expulsões de mulheres deslocadas do centro: “Não sei de nada” - chefe do Posto

Pelo menos três mulheres deslocadas, no circuito da venda de sexo, relataram ter sido expulsas do centro durante as entrevistas. O CIP ouviu o chefe do Posto Administrativo de Chiúre-Sede sobre a alegada expulsão de mulheres deslocadas dos centros de reassentamento. Segundo explicou, nenhum caso de expulsão de deslocados lhe foi reportado. “Eu visito todos os centros e convivo com os deslocados internos e ainda não ouvi falar destes casos”, afirmou.

Entretanto, alguns residentes de Chiúre, ouvidos pelo CIP, disseram ter acompanhado casos de algumas mulheres deslocadas, sobretudo provenientes dos distritos costeiros de Cabo Delgado, que voluntariamente abandonam os centros de reassentamento para a vila devido a dificuldades de adaptação nos centros.

II. Exploração e abuso sexual de mulheres deslocadas em Cabo Delgado: um fenómeno omnipresente

Além de serem forçadas à venda de sexo para sobreviver, mulheres e raparigas deslocadas na província de Cabo Delgado estão altamente expostas à exploração e abuso sexual (*SEA*, na sigla inglesa)¹. Casos de mulheres e raparigas deslocadas aliciadas/forçadas a envolver-se sexualmente pelas lideranças locais e responsáveis dos centros de acomodação em troca de comida e outros meios de subsistência, repetem-se em vários distritos da província.

Em 2020, durante o pico do deslocamento de civis na província, o CIP reportou denúncias de “cobranças de favores sexuais” a mulheres deslocadas, em troca de comida, assim como de “abuso e tentativa de abuso de mulheres e raparigas vulneráveis” na cidade de Pemba². Um ano depois, vários outros casos similares foram denunciados em vários distritos que acolhem deslocados.³

No entanto, apesar de estarem em curso investigações destas e de outras denúncias⁴, o fenómeno ainda persiste em vários centros de acomodação. Segundo a Procuradoria Provincial de Cabo Delgado, pelo menos 25 casos de abuso sexual de mulheres e raparigas foram reportados na província de Cabo Delgado⁵.

Em alguns centros de acomodação visitados, mulheres e raparigas deslocadas confirmaram a ocorrência de casos similares.

O caso de Metuge: como o poder é usado para abusar mulheres deslocadas

Até aqui a maioria dos casos reportados de “sexo por comida” envolviam maioritariamente líderes locais⁶ e funcionários das agências humanitárias⁷. No entanto, os chefes dos centros de reassentamento também se servem do poder de que dispõem para aliciar mulheres e raparigas deslocadas em situação de vulnerabilidade a envolver-se sexualmente em troca de alimentos e de outros meios de subsistência.

Os centros acolhem, na sua maioria, deslocados provenientes de diversos distritos. Para cada distrito é escolhido, entre os deslocados, um chefe/representante para velar pelos interesses dos deslocados da sua zona de origem. Além disso, é também escolhido, de entre os deslocados, um responsável geral do centro que, internamente, coordena as actividades do centro e auxilia na assistência humanitária.

À semelhança dos líderes locais, os responsáveis dos centros dispõem de poder perante os deslocados da sua zona de origem, uma vez que servem, muitas vezes, de elo entre os deslocados e as autoridades locais e as organizações humanitárias. No entanto, alguns servem-se desta posição para exigir sexo a mulheres vulneráveis em troca de meios de subsistência.

No centro Nangua 2 (Metuge), mulheres deslocadas relataram casos de aliciamento sexual por parte dos responsáveis dos centros em troca de apoio alimentar e de outros meios de subsistência. Ameaças de exclusão dos nomes da lista de beneficiários de apoio humanitário são usadas como estratégias pelos responsáveis dos centros para envolver-se sexualmente com as mulheres deslocadas.

Muitos destes casos não chegam a ser reportados uma vez que as vítimas temem ser excluídas das listas de beneficiários de apoio humanitário. A falta de canais/mecanismos apropriados para denúncia impede que as mulheres vítimas de SEA reportem os casos.

1 Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a primeira refere-se a “abuso ou tentativa de abuso de uma posição de vulnerabilidade ou poder para fins sexuais” e a segunda diz respeito a penetração ou ameaça de penetração de natureza sexual.

2 CIP (2021) Número de deslocados internos em Moçambique cresceu em cerca de 2700% em dois anos. Disponível em: <https://cipmoz.org/wp-content/uploads/2020/10/Nu%CC%81mero-de-deslocados-em-Moc%CC%A7ambique-1-5.pdf>. Consultado a: 08.Nov.2022

3 CIJM (2021) *Relief Workers Trade Food Aid, Demand Sex in Cabo Delgado*. Disponível em: <https://www.investigative-malawi.org/1143/relief-workers-trade-food-aid-demand-sex-in-cabo-delgado/>. Consultado a 07.Nov.2022

4 Club of Mozambique (2022) Sex-for-food: WFP investigates claims in Mozambique. Disponível em: <https://clubofmozambique.com/news/sex-for-food-wfp-investigates-claims-in-mozambique-210483/>. Consultado a

5 VOA (2022) *Trabalhadores humanitários acusados de abuso sexual contra 25 deslocadas em Cabo Delgado*. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/trabalhadores-humanit%C3%A1rios-acusados-de-abuso-sexual-contra-25-deslocadas-em-cabo-delgado/6820699.html>. Consultado a 15.Nov.2022

6 CIP (2021) Número de deslocados internos em Moçambique cresceu em cerca de 2700% em dois anos. Disponível em: <https://cipmoz.org/wp-content/uploads/2020/10/Nu%CC%81mero-de-deslocados-em-Moc%CC%A7ambique-1-5.pdf>. Consultado a: 08.Nov.2022

7 CIJM (2021) *Relief Workers Trade Food Aid, Demand Sex in Cabo Delgado*. Disponível em: <https://www.investigative-malawi.org/1143/relief-workers-trade-food-aid-demand-sex-in-cabo-delgado/>. Consultado a 07.Nov.2022

Caixa 3. A figura sinistra de Xavier, um predador notável

Xavier, 50 anos, fotógrafo de profissão, é um deslocado proveniente do distrito de Muidumbe. Após a sua chegada a Metuge, Xavier foi acolhido no centro Nangua 2, onde mais tarde veio a ser escolhido para responsável geral.

É apontado como um homem de poucos escrúpulos quando se trata de envolver-se sexualmente com mulheres deslocadas. A sua “fama” iniciou muito antes da sua chegada ao centro. Na sua terra de origem, Xavier já era conhecido como um indivíduo de conduta questionável na sua relação com o sexo oposto.

No centro encontrou terreno fértil para as suas incursões libidinosas, fazendo vítimas tanto entre mulheres adultas como entre jovens vulneráveis, assediadas com promessas de protecção e bem-estar num lugar onde comer é um luxo.

Xavier não hesitou em usar da sua posição, enquanto responsável geral do centro, para assediar/seduzir e manipular mulheres e raparigas com promessas de apoio alimentar e de outra natureza, revelaram as mulheres deslocadas durante as entrevistas.

As suas vítimas têm nome e rosto. Berta, 40 anos, mãe e viúva, é uma delas.

Sentada na companhia das suas três filhas, defronte a uma barraca de bambus rodeada de argila e coberta de capim, a viúva dá, com muito esforço, o pouco leite que ainda lhe sobra no peito ao seu mais recente filho. O pequenote é fruto de uma relação de poucos meses com Xavier, mas trouxe para a viúva uma responsabilidade que carregará por longos anos: mais uma boca por alimentar.

“Ele não assiste a criança”, lamentou Berta explicando que a sua relação com o chefe iniciou no centro, onde ambos se conheceram.

No entanto, a deslocada revelou que era apenas uma de entre várias outras mulheres com quem o chefe se envolvia.

Outras deslocadas entrevistadas pelo CIP confirmaram casos de assédio por parte do chefe. “Envolveu-se com muitas mulheres, até raparigas da mesma família”, informou uma deslocada a investigadores do CIP.

Ameaças de exclusão do acesso a apoio humanitário – “vou tirar teu nome da lista”

Casos de ameaças e chantagens a mulheres, por parte dos chefes dos centros, foram reportados. Algumas mulheres contaram que chegaram a ser exigidas sexo sob o risco de os seus nomes serem retirados da lista dos beneficiários de apoio alimentar.

Paulina, 32 anos, não é apenas o rosto da prostituição no centro Nangua 2, mas também vítima de assédio sexual por parte do responsável geral do centro.

Aos investigadores do CIP, Paulina conta que já foi obrigada a manter relações sexuais sob a ameaça de ser excluída da lista dos beneficiários da assistência alimentar.

“Ele chamou-me e disse faz sexo comigo senão vou tirar teu nome da lista, disse. “Recusei”, revelou a jovem deslocada.

A jovem deslocada disse não ter denunciado o caso por temer represálias. Durante a visita dos investigadores ao centro, Paulina e mais 16 outros deslocados não tinham recebido apoio alimentar alegadamente porque os seus nomes não constavam da lista.

Paulina associa o facto de não ter sido contemplada no apoio alimentar em Outubro de 2022 ao facto de se ter recusado a envolver-se sexualmente com o chefe geral do centro.

A resposta seca de Xavier – “não vou falar sobre isso”

Pesquisadores do CIP ouviram o responsável geral do centro sobre estes e outros assuntos ligados ao centro. Segundo contou, ele assumiu a paternidade da criança da Berta.

No entanto, apesar de ter comentado sobre vários assuntos, quando confrontado com as alegações de assédio sexual recusou-se a comentar.

“Não vou falar sobre isso”, disse.

O CIP confrontou ainda outros responsáveis do centro sobre o assunto. Alguns afirmaram ter ouvido comentários sobre a conduta questionável do chefe geral, mas que este quando confrontado sobre os casos refutou todas as acusações.

Da gestão duvidosa à expulsão

Xavier foi recentemente afastado da posição de chefe geral do centro pelo chefe da localidade após reclamações dos deslocados internos sobre a forma suspeita como esteve a gerir o centro. Alguns deslocados entrevistados acusaram-no de ter favorecido determinadas famílias na assistência humanitária, em detrimento de outras, e outros mencionaram casos de sonegação de informação relativa a apoio humanitário fornecido por algumas organizações. Estes casos foram refutados por Xavier quando entrevistado por pesquisadores do CIP.

Durante a visita efectuada pelo CIP ao centro, o ponto focal da Organização Internacional para as Migrações no centro disse estarem em curso candidaturas para a substituição do anterior chefe geral. Segundo o ponto focal da OIM no centro, a principal razão que ditou o afastamento foi a quebra de confiança dos deslocados residentes no centro para com o anterior responsável.

III. Como falhas na assistência empurram mulheres e raparigas deslocadas para a prostituição e exploração sexual

O recurso à venda de sexo por mulheres e raparigas deslocadas como estratégia de sobrevivência e a sua crescente exposição à exploração sexual resultam, em parte, de falhas/lacunas persistentes na assistência humanitária. Num contexto de privação extrema, factores como a demora na alocação de *kits* de apoio alimentar, a exclusão do acesso a apoio alimentar, a falta de apoio abrangente aos grupos mais vulneráveis (raparigas chefes de família) e de estratégias coordenadas de apoio à integração económica para auto-sustento, a ausência de canais/mecanismos de denúncia de abusos sexuais, em alguns centros, entre outros, exacerbam a vulnerabilidade das mulheres e raparigas deslocadas, forçando-as, por um lado, a recorrer a venda de sexo e sujeitando-as, por outro lado, à exploração sexual.

➤ *Falta assistência abrangente aos grupos mais vulneráveis*

Mulheres e raparigas deslocadas constituem o segmento mais vulnerável entre os deslocados e, por isso, carecem de assistência individualizada¹. Aliás, o deslocamento por si só exacerba as vulnerabilidades pré-existentes deste grupo². Mas, mesmo no seio destas, algumas se encontram em situação ainda mais vulnerável, como é o caso de raparigas que se tornaram chefes de família. No entanto, a realidade no terreno mostra que muitas destas continuam em situação de extrema vulnerabilidade, não obstante recomendações anteriormente feitas pelo CIP visando atenção especial para com os grupos mais vulneráveis.

Casos de raparigas deslocadas que se tornaram chefes de família e que, por isso, passaram a possuir necessidades de assistência especiais, foram documentados pelo CIP³. No entanto, muitas destas continuam a receber o mesmo tipo de assistência (essencialmente alimentar) canalizado às famílias de deslocados que são chefiadas por homens adultos, muito embora com necessidades marcadamente distintas. Isto evidencia que, embora existam alguns programas de apoio às famílias mais vulneráveis, estes não têm sido suficientemente abrangentes para responder às necessidades específicas deste segmento da população.

Por exemplo, quando os pesquisadores do CIP visitaram, em 2021, o centro de Nicuapa, em Montepuez, depararam-se com uma família de deslocados, chefiada por jovens raparigas, que permaneceu muito tempo sem abrigo porque tinha dificuldades de erguer palhotas para se abrigar. Entretanto esta necessidade não era extensiva a outros agregados liderados por homens⁴. Esta família não teve assistência apropriada no quesito abrigo. Casos similares a este ainda se repetem em vários outros distritos.

Dificuldades de adaptação nas zonas de acolhimento aliada à falta de assistência apropriada têm forçado raparigas como Sara a encontrar na venda de sexo a forma mais imediata de sustentar o agregado familiar, assim como a sujeitam a exploração sexual.

1 UNDERWOOD, E. (2016) *Three reasons humanitarian aid fails*. Disponível em: <https://www.science.org/content/article/three-reasons-humanitarian-aid-fails>. Consultado a 09. Nov.2022

2 IDMC (2019) *Sex Matter: a gender perspective on internal displacement*. Disponível em: <https://www.internal-displacement.org/sites/default/files/publications/documents/201902-gender-dimension.pdf>. Consultado a 9.Nov.2022

3 CIP (2021) *Gestão dos deslocados de guerra de Cabo Delgado: Governo falhou no apoio às vítimas do conflito*. Disponível em: <https://www.cipmoz.org/wp-content/uploads/2021/04/Gesta%CC%83o-dos-deslocados-de-guerra-de-Cabo-Delgado-Governo-falhou-no-apoio-a-%C%80s-vi%CC%81timas-do-conflito.pdf>. Consultado a 09.Nov.2022

4 CIP (2021) *Gestão dos deslocados de guerra de Cabo Delgado: Governo falhou no apoio às vítimas do conflito*. Disponível em: <https://www.cipmoz.org/wp-content/uploads/2021/04/Gesta%CC%83o-dos-deslocados-de-guerra-de-Cabo-Delgado-Governo-falhou-no-apoio-a-%C%80s-vi%CC%81timas-do-conflito.pdf>. Consultado a 09.Nov.2022

➤ *Faltam estratégias abrangentes de apoio à integração económica para o auto-sustento das mulheres;*

Para além do facto de a assistência não ser individualizada, mulheres e raparigas deslocadas continuam com sérias dificuldades de integração económica nas comunidades de acolhimento, como nas zonas de origem, facto que dificulta o seu autossustento.

Iniciativas visando aumentar o acesso da população deslocada ao mercado de trabalho são necessárias para assegurar que os deslocados, sobretudo mulheres, possam autossustentar-se¹, evitando, assim, o recurso à prostituição ou a outras formas de trabalho menos dignas.

A recém-aprovada Política e Estratégia de Gestão e Protecção dos Deslocados Internos prevê, de entre outros aspectos, a implementação de programas de “geração de renda e fontes de subsistência” para evitar que o deslocado retorne à sua condição de vulnerabilidade². Tanto a política, no seu todo, como esta medida, em particular, são necessárias. No entanto, o instrumento não produziu ainda os efeitos esperados. Pelo contrário, a realidade no terreno mostra que, salvo raras excepções, as mulheres dificilmente conseguiram integração económica nas zonas de acolhimento, continuando em situação de dependência e extrema vulnerabilidade.



Legenda: Mulheres deslocadas confeccionam e vendem bebida tradicional como forma de subsistência, Metuge.

Algumas organizações estão a apoiar famílias e grupos específicos a desenvolver actividades de geração de renda em áreas diversas, mas o apoio não tem sido abrangente e não capta, muitas vezes, o segmento mais vulnerável³.

Iniciativas isoladas de apoio à integração económica das mulheres, apesar de necessárias, falham em gerar os resultados esperados por não incluir a componente de assistência à população beneficiária para permitir a sustentabilidade das suas intervenções. Por exemplo, em alguns centros de acomodação, como o de Nangua √ em Metuge, algumas mulheres receberam apoio financeiro para a abertura de pequenos negócios. Fruto desta iniciativa, iniciaram pequenos negócios, com destaque para confecção e venda de bebidas alcoólicas. Entretanto, outras não conseguiram aplicar o valor em actividades de geração de renda, mas usaram-no para satisfação das suas necessidades mais imediatas.

Várias mulheres receberam parcelas de terra para a prática da agricultura. No entanto, segundo as deslocadas entrevistadas pelo CIP, o apoio não contemplou materiais e insumos para o efeito. Por outro lado, muitas das beneficiárias, sobretudo as provenientes das regiões costeiras que não têm experiência na produção agrícola, raramente produzem.

1 CDG (2019) *How Urban are IDPs and What Does that Mean for Their Economic Integration*. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/HowUrbanAreIDPsAndWhatDoesThatMeanForTheirEconomicIntegration.pdf>. Consultado a 09.Nov.2022

2 BR nº 173 I Série de 8 de Setembro de 2021 - Pag. 1417 (Resolução n.42/2021 de 8 de Setembro)

3 ONU News (2022) *FAO quer garantir a produção de alimentos para deslocados em Cabo Delgado*. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/10/1803352>. Consultado a 18.11.2022

De um modo geral nota-se que escasseiam programas estruturados e abrangentes de apoio à integração económica das mulheres deslocadas nas zonas de acolhimento, algo que poderia ser feito mediante projectos abrangentes destinados a reforçar as habilidades de subsistência das mulheres, acesso a serviços financeiros, e a outros relacionados com o trabalho, a oportunidades de emprego, entre outros.

Durante as entrevistas com pesquisadores do CIP, várias mulheres deslocadas que recorrem à prostituição como forma de sobrevivência, acreditam que se tivessem apoio estariam a desenvolver pequenos negócios ou outras actividades de geração de renda. Outras ainda entendem que a sua condição de mulher impede-as de conseguir oportunidades de emprego nas zonas de acolhimento.

Caixa 3. “Se eu fosse homem, não estaria aqui” (Katija)

Katija, 28 anos, é deslocada proveniente do distrito de Macomia. Após um ataque de insurgentes à sua aldeia, e que culminou com a decapitação dos seus pais e do seu marido, a jovem fugiu com os seus três filhos para a vila de Chiúre. Na pequena vila, a deslocada foi acolhida num centro de acomodação onde recebeu apoio alimentar por alguns meses. Entretanto, mais tarde foi aconselhada a abandonar o centro por razões pouco claras. Sem assistência e nem uma fonte de renda, a jovem deslocada passou por dias difíceis. Prostituir-se foi a única saída para alimentar os seus filhos.

Arranjar emprego para conseguir sustentar os seus filhos é uma das suas principais preocupações. No entanto, pintar residências e edifícios é a única coisa que sabe fazer, um ofício que aprendeu ainda em Macomia depois de concluída a 10ª classe. Como a pintura é um trabalho maioritariamente realizado por homens, a jovem deslocada sente-se incapaz de conseguir emprego na área. “Como sou mulher, não vou conseguir arranjar emprego”, diz. “Se eu fosse homem não estaria aqui [a prostituir-me]”, conclui. A jovem deslocada de Macomia acredita que o facto de ser mulher é uma barreira para o mercado de trabalho, uma vez que o trabalho que sabe fazer é tradicionalmente executado por homens.

➤ *Apoio alimentar é cada vez menos regular*

Num contexto de falta de meios de subsistência, a falta de assistência alimentar regular, associada a exclusão de alguns deslocados da lista de beneficiários, tem forçado mulheres a recorrer a venda de sexo como estratégia de sobrevivência. Para muitas famílias de deslocados internos, a assistência alimentar disponibilizada pelas organizações humanitárias é a única fonte de subsistência. Para as mulheres deslocadas que dependem unicamente deste apoio, a sua ausência tem um efeito altamente “disruptivo”.

Com o apoio alimentar cada vez menos regular, numa altura em que aumenta o número de deslocados na província e em que grande parte das mulheres ainda não conseguiu desenvolver actividades para seu auto-sustento, a situação de vulnerabilidade das mulheres e das raparigas deslocadas pode vir a agravar-se. Até ao início do ano 2022, altura em que foi realizada a pesquisa, os *kits* de assistência alimentar aos deslocados eram distribuídos mensalmente pelo PMA. No entanto, a partir de Abril do mesmo ano estes passaram a ser canalizados bimensalmente e em quantidades algo reduzidas, devido à falta de fundos para responder à demanda¹. Entretanto, em alguns centros de reassentamento os deslocados não têm estado a receber o apoio bimensal de forma regular. A situação pode vir a agravar-se caso não haja financiamento à assistência humanitária. Recentemente o PMA² e a Cáritas³ alertaram para uma possível ruptura na assistência alimentar devido à falta de fundos.

A redução de apoio alimentar acontece quando muitas mulheres ainda continuam dependentes deste para a sua sobrevivência. Para muitas mulheres o apoio é a única fonte de sustento das famílias uma vez que poucas conseguem autossustentar-se. Isto vai exacerbar a sua vulnerabilidade em dois sentidos: primeiro, a privação de alimentos pode levar a recorrer a venda de sexo como estratégia de sobrevivência; segundo, a escassez pode tornar as mulheres muito mais suscetíveis a exploração sexual através do fenómeno “sexo por comida”.

➤ *Mecanismos de denúncia e protecção de vítimas não são abrangentes*

Desde o início da chegada massiva de deslocados internos, na província de Cabo Delgado, foram criadas algumas linhas verdes para denúncias de casos de abuso sexual. Isto foi visível em alguns centros transitórios como o de Paquitiquete, na cidade de Pemba, onde mulheres deslocadas serviram-se destes canais para denunciarem casos de

¹ **Folha de Maputo** (2022) PAM alerta para rutura no fornecimento de ajuda em Cabo Delgado. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/pam-alerta-para-rutura-no-fornecimento-de-ajuda-em-cabo-delgado/>. Consultado a 18.Nov.2022

² **Mundo ao Minuto** (2022) Moçambique. PAM pode interromper ajuda humanitária por falta de fundos. Disponível em: <https://www.noticiasao-minuto.com/mundo/2111066/mocambique-pam-pode-interromper-ajuda-humanitaria-por-falta-de-fundos>. Consultado a 18.Nov.2022

³ **RTP Notícias** (2022) Cáritas em Cabo Delgado alerta para falta de fundos entre as ONG. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/caritas-em-cabo-delgado-alerta-para-falta-de-fundos-entre-as-ong_n1446953. Consultado a 18.Nov.2022

exigências de favores sexuais em troca de bens de ajuda humanitária por parte das autoridades locais¹. No entanto, em outros centros, nos distritos de Metuge, Montepuez e Chiúre, estes mecanismos pura e simplesmente não estão disponíveis. Mulheres vítimas de exploração sexual, por parte dos chefes dos centros, raramente denunciam os casos, por um lado por temer retaliação ou estigma e, por outro lado, por não estarem disponíveis mecanismos de protecção para denunciante.

A inexistência de mecanismos de denúncias de casos de exploração e abuso sexual, em alguns centros, e a falta responsabilização dos envolvidos criam um terreno fértil para o florescimento de casos similares nos centros de reassentamento.

Conclusão e recomendações

Pelo menos quatro mil pessoas, entre civis e militares, morreram e um universo de perto de um milhão de pessoas abandonou as suas zonas de origem por conta das incursões dos insurgentes na província de Cabo Delgado. A guerra, que dura a cinco anos, também paralisou investimentos estratégicos no sector de petróleo e gás e destruiu infra-estruturas críticas para o desenvolvimento da província. Entretanto, a guerra produziu um custo social raramente capturado pelas estatísticas oficiais: a prostituição e a exploração sexual de mulheres deslocadas.

Com a guerra, a vulnerabilidade das mulheres na província exacerbou-se de forma significativa. Durante as incursões de insurgentes nas suas zonas de origem, várias raparigas e mulheres foram raptadas e posteriormente usadas como escravas sexuais e “vendidas” como prostitutas. Esta tendência repetiu-se igualmente nas zonas para onde as populações se refugiaram. Mesmo as mulheres e raparigas que conseguiram escapar para zonas relativamente seguras foram forçadas a entrar para o circuito da venda de sexo como estratégia de sobrevivência e outras sujeitas à exploração sexual. Para muitas mulheres e raparigas os centros de acomodação/reassentamento tornaram-se lugares pouco seguros perante a exposição à exploração e abuso sexual.

O recurso à venda de sexo por mulheres e raparigas deslocadas e a sua crescente exposição à exploração sexual resultam, em parte, de falhas persistentes na assistência humanitária. Factores como a demora na alocação de *kits* de apoio alimentar, a exclusão de algumas do acesso ao apoio alimentar, a falta de apoio abrangente aos grupos mais vulneráveis (raparigas chefes de família) e de estratégias coordenadas de apoio à integração económica para auto-sustento, a ausência de canais/mecanismos de denúncia de abusos sexuais, em alguns centros, entre outros, exacerbam a vulnerabilidade das mulheres e raparigas deslocadas, forçando-as, por um lado, a recorrer a venda de sexo e sujeitando-as, por outro lado, à exploração sexual.

O Governo, que tem a responsabilidade primária de assistir aos deslocados, esteve ausente no apoio destes na província de Cabo Delgado, relegando a responsabilidade de proteger para as organizações humanitárias e para as lideranças locais. Nesta altura, denúncias de abuso sexual e de tentativa de abuso sexual contra mulheres e raparigas vulneráveis por líderes locais florescem diante da inércia estrutural do Estado. Ao longo destes anos o Governo pouco fez para permitir a integração económica de mulheres e o apoio específico a raparigas deslocadas em situação de extrema vulnerabilidade, na província de Cabo Delgado. Os casos relatados no texto ilustram esta tendência.

A Política de Gestão e Protecção dos Deslocados Internos, aprovada pelo Governo em 2021, foi uma medida importante no apoio aos deslocados internos, sobretudo aos mais vulneráveis, uma vez que prevê, entre outros, o desenvolvimento de programas de “geração de renda e fontes de subsistência”- que é uma das áreas críticas no pacote de assistência humanitária aos deslocados internos que se encontram nas zonas de acolhimento como para os que estão a retornar para sua zona de origem. No entanto, até a altura em que foi realizada a pesquisa, a política ainda não tinha começado a surtir os efeitos esperados uma vez que um número considerável de mulheres e raparigas deslocadas não conseguiu integração económica nas zonas de acolhimento e clama por apoio essencial para o desenvolvimento de iniciativas de geração de renda.

Conforme se constata, casos de venda de sexo e exploração sexual de mulheres deslocadas não são isolados mas, pelo contrário, são resultado de uma série de constrangimentos estruturais na assistência humanitária. Daí a necessidade de o Governo, em parceria com as organizações humanitárias e parceiros de cooperação, adoptar acções coordenadas no sentido de melhorar o apoio prestado aos deslocados de guerra na província de Cabo Delgado, sobretudo as mulheres e raparigas em situação de alta vulnerabilidade.

Com efeito, recomenda-se:

¹ CIP (2021) Número de deslocados internos em Moçambique cresceu em cerca de 2700% em dois anos. Disponível em: <https://cipmoz.org/wp-content/uploads/2020/10/Nu%CC%81mero-de-deslocados-em-Moc%CC%A7ambique-1-5.pdf>. Consultado a: 08.Nov.2022

Ao Governo:

- Desenvolver estratégias abrangentes de apoio a iniciativas sustentáveis e de auto-sustento tendo em conta o perfil sócio-económico das mulheres e os factores que podem contribuir para o acesso a emprego;
- Financiar projectos de geração de renda, e outras formas de integração económica, tanto para as mulheres que se encontram nas zonas de acolhimento como para aquelas que retornaram para a sua zona de origem;
- Implementar intervenções estratégicas e abrangentes de auto-sustento para os deslocados, incluindo treinamento para o desenvolvimento de capacidades/habilidades de geração de renda e assistência técnica aos beneficiários, de modo a permitir a sua rápida integração económica, especialmente aos mais vulneráveis, designadamente mulheres e raparigas;
- Mobilizar, em coordenação com parceiros e organizações humanitárias, apoios para reforçar a componente de assistência, alimentare não-alimentar, de modo a evitar ineficiências na alocação do apoio aos deslocados e prevenir que mulheres e raparigas, em situação de aflição, recorram à venda de sexo como estratégia de sobrevivência;

Às organizações humanitárias e parceiros de cooperação:

- Dedicar recursos e atenção especial para as raparigas deslocadas, sobretudo as que se tornaram chefes de família, de modo a permanecerem na escola e encontrarem formas seguras e apropriadas de subsistência;
- Prover produtos de higiene pessoal a mulheres e raparigas em idade sexual e sensibilizá-las em matéria de saúde sexual e reprodutiva, de modo a evitar a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis;
- Retomar e reforçar a criação de linhas verdes para denúncias de casos de abuso sexual nos centros de reassentamento de deslocados;
- Financiar iniciativas sustentáveis de geração de renda para mulheres e raparigas deslocadas, com vista a permitir a sua rápida integração económica nas zonas de acolhimento;

Documentos Consultados

Brookings Institute (2010) *The Human Rights of Internally Displaced Persons*. Disponível em: <https://www.brookings.edu/on-the-record/the-human-rights-of-internally-displaced-persons-2/>. Consultado a 01.Nov.2022

CDG (2019) *How Urban are IDPs and What Does that Mean for Their Economic Integration*. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/HowUrbanAreIDPsAndWhatDoesThatMeanForTheirEconomicIntegration.pdf>. Consultado a 09.Nov.2022

CIJM (2021) *Relief Workers Trade Food Aid, Demand Sex in Cabo Delgado*. Disponível em: <https://www.investigativa-malawi.org/1143/relief-workers-trade-food-aid-demand-sex-in-cabo-delgado/>. Consultado a 07.Nov.2022

CIP (2021) *Gestão dos deslocados de Guerra de Cabo Delgado: Governo falhou no apoio às vítimas do conflito*. Disponível em: <https://www.cipmoz.org/wp-content/uploads/2021/04/Gesta%CC%83o-dos-deslocados-de-guerra-de-Cabo-Delgado-Governo-falhou-no-apoio-a%CC%80s-vi%CC%81timas-do-conflito.pdf>. Consultado a: 31.Otu.2022

FEIJÓ, J. (2021) *Caracterização e Organização Social dos Machababos a partir dos Discursos de Mulheres Rap-tadas*. Disponível em: <https://clubofmozambique.com/wp-content/uploads/2021/04/OR-109-Characteriza%C3%A7%C3%A3o-e-organiza%C3%A7%C3%A3o-social-dos-Machababos.pdf>. Consultado a 31. Out. 2022

Folha de Maputo (2022) PAM alerta para rutura no fornecimento de ajuda em Cabo Delgado. Disponível em: <https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/pam-alerta-para-rutura-no-fornecimento-de-ajuda-em-cabo-delgado/>. Consultado a 18.Nov.2022

IDMC (2019) *Sex Matter: a gender perspective on internal displacement*. Disponível em: <https://www.internal-displacement.org/sites/default/files/publications/documents/201902-gender-dimension.pdf>. Consultado a 9.Nov.2022

IOM (2022) Northern Mozambique Crisis — DTM Baseline Assessment Abridged Report Round 16 (June 2022). Disponível em: <https://dtm.iom.int/reports/northern-mozambique-crisis-%E2%80%94-dtm-baseline-assessment-abridged-report-round-16-june-2022>. Consultado a 2. Nov.2022

Mundo ao Minuto (2022) *Mozambique. PAM pode interromper ajuda humanitária por falta de fundos*. Disponível em: <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/2111066/mocambique-pam-pode-interromper-ajuda-humanitaria-por-falta-de-fundos>. Consultado a 18.Nov.2022

NAICKER, L. (2021) *Food, Sex and Text: Exploring Survival Sex in the Context of Food Insecurity through Communal Readings of the Book of Ruth*. Disponível em: https://etd.uwc.ac.za/xmlui/bitstream/handle/11394/8818/naickker_phd_art_2021.pdf?sequence=1. Consultado a 21.Nov.2022

ONU News (2022) *FAO quer garantir a produção de alimentos para deslocados em Cabo Delgado*. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/10/1803352>. Consultado a 18.11

O País (2021) *“Não escolhemos a guerra de Cabo Delgado, ela foi-nos imposta”*, diz PR. Disponível em: <https://opais.co.mz/nyusi-convoca-conselho-de-defesa-e-seguranca-para-discutir-terrorismo/>. Consultado a

Presidência da República (2021) Informação Anual Do Chefe Do Estado À Assembleia Da República

Sobre A Situação Geral Da Nação. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/Informe+Anua+PR+-+Situac%C3%A3o+Geral+da+Na%C3%A7%C3%A3o+2021+VF.pdf>. Consultado a: 31.Out.2022

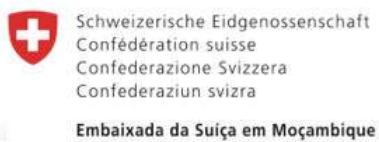
RTP Notícias (2022) *Cáritas em Cabo Delgado alerta para falta de fundos entre as ONG*. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/caritas-em-cabo-delgado-alerta-para-falta-de-fundos-entre-as-ong_n1446953. Consultado a 18.Nov.2022

UNDERWOOD, E. (2016) *Three reasons humanitarian aid fails*. Disponível em: <https://www.science.org/content/article/three-reasons-humanitarian-aid-fails>. Consultado a 09. Nov.2022

UNHCR (2022) *Action against Sexual and Gender-Based Violence: An Updated Strategy*. Disponível em: <https://www.unhcr.org/protection/women/4e1d5aba9/unhcr-action-against-sexual-gender-based-violence-updated-strategy.html>. Consultado a 21.Nov.2022

WATSOM, J. (2011) *Understanding Survival Sex: Young Women, Homelessness, and Intimate Relationships*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232920720_Understanding_survival_sex_Young_women_homelessness_and_intimate_relationships?_sg=uPMnNOGODxGm5EHRaGje93UfaibqmQ7afLbTHMDxMD79Tp-DBq65z8NLMFyR9bbUzo-L7LAeKqbFLngQ. Consultado a 21.Nov.2022

Parceiros:



Norwegian Embassy



Suécia
Sverige



Reino dos Países Baixos

